

A ira e as emoções positivas no protesto político^{1,2}

Anger and positive emotions in political protest

La ira y las emociones positivas en la protesta política

Colère et émotions positives en protestation politique

José Manuel Sabucedo*
josemanuel.sabucedo@usc.es

Xiana Vilas**
xianavc@yahoo.es

Tradução de Domenico Uhng Hur***
domenicohur@hotmail.com

Resumo

Este estudo analisa o papel das emoções no protesto político. Nos modelos atuais, a ira é a única emoção que se associa a essas ações. No entanto, os autores consideram que não é a única emoção que mobiliza a cidadania, por isso afirmam que junto a ela devem existir outras de valência positiva. Nesta pesquisa participaram 316 estudantes universitários, aos quais se perguntou sobre sua intenção de mobilizar-se contra os cortes na educação. Os resultados mostram que a ira se correlaciona de maneira significativa com as emoções positivas. Ademais, a análise de mediação demonstra a relevância das emoções positivas para explicar as intenções de protesto e que a influência da ira sobre a intenção de participar se realiza fundamentalmente através das emoções positivas. Discute-se o papel das emoções e a necessidade de ampliar os motivos de participação.

Palavras-chave: *Emoções positivas; ira; protesto político; cortes na educação.*

Abstract

This study analyses the role played by emotions in protest. In the current explanatory models, anger is the sole emotion associated with these actions. But is anger the only emotion capable of mobilising citizens to defend a cause? We believe not. Hence, we postulate that anger, along with other emotions of positive valence, must act jointly to facilitate protest. To test this hypothesis, a questionnaire

*Faculdade de Psicologia da Universidad de Santiago de Compostela, Espanha

**Universidad Santiago de Compostela

***Docente do Programa de Pós-Graduação e de graduação em Psicologia da UFG. Secretário de Pesquisas da Asociación Ibero-latinoamericana de Psicología Política.

Como citar: Sabucedo, J. M., & Vilas, X. (2014). Anger and positive emotions in political protest. *Domenico Uhng Hur (Trad.) (2019) A ira e as emoções positivas no protesto político. Psicología Política, 19(45), 370-381.*

¹ A versão original foi publicada em inglês em: Sabucedo, J. M., & Vilas, X. (2014). Anger and positive emotions in political protest. *Universitas Psychologica, 13(3)*, 829-838. <http://dx.doi.org/10.11144/Javeriana.UPSY13-3.aapep>

² Esta pesquisa contou com apoio econômico do Conselho Galego de Cultura, Educação e Universidades e do Fundo de Desenvolvimento Europeu Regional da União Europeia (GPC2013-017).

was applied to 316 university students in a setting of cut-backs in education. The results highlight several interesting aspects. Firstly, anger correlated significantly and positively with the positive emotions. Secondly, the mediation analysis performed showed: a) the relevance of positive emotions for explaining the intention to participate; and b) the influence of anger on the intention to participate is fundamentally through positive emotions. We will also discuss the role of emotions and the need to extend the motives involved in political actions.

Keywords: Positive emotions; political protest; anger; education cutbacks

Resumen

En este estudio se analiza el papel de las emociones en la protesta política. En los modelos actuales, la ira es la única emoción que se asocia a esas acciones. Sin embargo, los autores creen que no es la única emoción que moviliza a la ciudadanía, por ello afirman que junto a ella deben existir otras de valencia positiva. En este estudio participaron 316 estudiantes universitarios a los que se les preguntó por su intención de movilizarse en contra de los recortes en educación. Los resultados muestran que la ira correlaciona de manera significativa con las emociones positivas. Además el análisis de mediación muestra la relevancia de las emociones positivas para explicar las intenciones de protesta y que la influencia de la ira sobre la intención de participar se realiza fundamentalmente a través de las emociones positivas. Se discute el papel de las emociones y la necesidad de ampliar los motivos de participación.

Palabras clave: Emociones positivas; ira; protesta política; recortes en educación

Résumé

Dans cette étude, le rôle des émotions dans la contestation politique est analysé. Dans les modèles actuels, la colère est la seule émotion associée à ces actions. Cependant, les auteurs estiment que ce n'est pas la seule émotion qui mobilise le public. Ils affirment donc qu'il doit exister d'autres émotions de valence positive. Cette étude a été menée auprès de 316 étudiants d'université interrogés sur leur intention de se mobiliser contre les coupes dans le secteur de l'éducation. Les résultats montrent que la colère est significativement corrélée aux émotions positives. En outre, l'analyse de la médiation montre la pertinence des émotions positives pour expliquer les intentions de protestation et que l'influence de la colère sur l'intention de participer réside principalement dans les émotions positives. Le rôle des émotions et la nécessité d'élargir les raisons de la participation sont discutés.

Mots-clés: émotions positives; la colère protestation politique; coupes dans l'éducation

As emoções formam parte de cada ato humano e sem elas não ocorreria nenhuma ação social (Jasper, 1998). Essa afirmação tinha como objetivo apoiar a reintrodução das emoções nas teorias explicativas do comportamento humano. A crença de que interferiam no pensamento racional havia levado a muitos autores a esquecer ou minimizar sua importância (Izard, 1972; Marcus, Neuman & Mackuen, 2000). O campo do protesto político não ficou alheio a esta colocação. Nesse caso se acreditava que recorrer às emoções para explicar o protesto questionava o caráter instrumental das mesmas (Goodwin, Jasper & Polleta, 2000).

Apesar do clima intelectual contrário às emoções, Gamson (1992) propôs que a ira era um elemento chave para a ação coletiva. Gamson falou dos marcos de ação coletiva como aquele conjunto de crenças que legitimavam o protesto. Esses marcos eram os de injustiça, identidade e eficácia. A ira estaria associada à percepção de injustiça, um dos motivos mais poderosos para o protesto (Turner & Killian, 1987). A ira teria um importante papel motivador enquanto “põe fogo na alma e ferro no estômago” (Gamson, 1992, p. 32). Portanto, Gamson tem o mérito de haver reconhecido o papel das emoções na análise do protesto político. Entretanto é certo que ficou exclusivamente associado ao marco da injustiça, desconsiderando o fato de que pudessem estar relacionadas com os outros dois.

A proposta de Gamson sobre a importância da ira na ação coletiva foi amplamente aceita. De fato, os principais modelos explicativos atuais incluem essa emoção. Van Zomeren, Spears & Fischer (2004) e van Stekelenburg, Klandermans & van Dijk (2011) assinalam que a ira tem uma incidência direta sobre a participação, e Sturmer & Simon (2009) se referem ao seu impacto sobre a ação coletiva através da identidade.

A importância da ira parece, pois, fora de qualquer dúvida. Portanto a questão que deve-se colocar agora é se a contribuição das emoções à ação coletiva deve seguir limitando-se a essa emoção, ou se é conveniente considerar o possível papel de outras. Uma vez superado o preconceito que as associava com comportamentos irracionais (Marcus *et al.*, 2000; Marcus, McKuen, Wolak & Keele, 2006), nada impede que se possa analisar a influência de outras emoções sobre a ação coletiva. Porém, isso supõe adotar outra perspectiva em relação às emoções e sua relação com o comportamento. Isso é precisamente o que fez a teoria intergrupar das emoções (*Intergroup Emotions Theory* – IET) (Smith, 1993), que afirma que as emoções desempenham um papel chave na compreensão da conduta intergrupar. A IET assume duas colocações teóricas importantes na psicologia social. Por um lado, a Teoria da Identidade Social e da Autocategorização (*Self-categorization*) (Tajfel & Turner, 1979; Turner & Killian, 1987), que afirmam que as pessoas atuam em situações de acordo com o grupo com o qual se identificam. Quanto mais alto é esse nível de identificação, mais provável será uma resposta em termos grupais. Por outro lado, a Teoria do *Appraisal* Cognitivo, que propõe que as emoções são a resposta a uma determinada avaliação do entorno. Essa valoração não é alheia, obviamente, à situação na qual se encontra cada grupo. Na sociedade existe uma assimetria de poder intergrupar e há grupos que se encontram em situações de desvantagem (sociais, econômicas, de oportunidades etc.) em relação a outros. Isso provoca diferentes interpretações sobre as causas dessa situação, em como atuar em relação a ela e dos recursos que conta para enfrentá-la (Frijda, 1988; Lazarus, 1984); as emoções irão depender, portanto, do significado que as pessoas dão ao que acontece ao seu redor.

Ser parte de um grupo que se considera injustamente tratado, deve ativar diferentes valorações não apenas a respeito da situação presente, mas também ao que se deseja para o futuro. Isto é, as pessoas e os grupos, salvo em casos de fatalismo (Martín-Baró, 1998), não permanecem passivas ante a situação adversa na qual vivem. Isso quer dizer que não só se centrarão nas condições negativas em que se encontram, senão que também avaliarão fazer algo para mudá-las e as possibilidades de êxito. Por isso, a IET não só explicaria a ira grupar (*group-based anger*) tal e como vem sendo defendido até agora (van Zomeren *et al.*, 2004), mas também outras emoções grupais associadas a outros processos relacionados com a participação.

À margem de destacar que a ira não é a única emoção que pode ser importante para explicar a ação coletiva, é necessário recordar que as emoções estão estreitamente relacionadas com a tendência à ação (Frijda, 1988; Taylor, 1995; Maitner, Mackie & Smith, 2006). Isso faz com que tenham um interesse especial para o campo do protesto político. As pessoas que se implicam nesses atos devem assumir os custos de diversos tipos que estão associados à realização dos mesmos (Klandermans, 1984). Nesse caso, as emoções ajudariam a superá-los.

A incorporação de outras emoções à análise do protesto político pode nos oferecer um novo enfoque sobre sua dinâmica e seus protagonistas. Numerosos estudos mostraram que os que protestam o fazem porque estão irados. Certo. Porém essa é a única emoção que sentem aqueles que decidem sair às ruas para demandar o que consideram justo? Acreditamos que não. Junto a ela deve-se encontrar outras emoções vinculadas a aspectos que também definem a ação coletiva, como é a atuação conjunta com outras pessoas e as tentativas de conseguir alcançar determinados objetivos. Por isso, tal como a injustiça não era o único marco da ação coletiva que citava Gamson para explicar o protesto, tampouco a ira pode ser a única emoção responsável por esse tipo de ações.

Na literatura sobre a ação coletiva encontramos vários trabalhos que aludem a diferentes emoções potencialmente facilitadoras da ação coletiva. Jasper (1998), propõe uma ampla lista, na qual, além da ira e outras emoções negativas, cita outras de natureza positiva. Entre essas últimas se encontrariam o orgulho e a esperança. Já Kemper (1978) cita uma série de emoções que se derivam do tipo de relações de poder e status existente entre os grupos. Em função da percepção atual e das expectativas das relações intergrupais, se gerariam emoções negativas (como a ira) ou positivas (satisfação, orgulho, otimismo ou esperança). Portanto, as emoções que podem animar o protesto não são apenas as que têm um caráter negativo como a ira.

Nos últimos anos o interesse pela análise das emoções positivas na ação coletiva vem aumentando. Uma das emoções que mais despertou interesse é a esperança. Segundo Jarymowicz & Bar-Tal (2006) a esperança é uma emoção complexa que requer uma elaboração cognitiva elevada, porque se relaciona com a expectativa de que ocorram fenômenos desejáveis. A antecipação de que os objetivos estabelecidos serão alcançados ativa a emoção de esperança, e isso motiva a implicação no protesto. Assim, um clima emocional de esperança pode dar apoio a uma futura atividade grupal orientada e sustentada no tempo (Bar-Tal, Halperin & de Rivera, 2007). Cabe mencionar que para que se dê essa emoção não é necessário que ocorra a ação e que se constate o êxito, senão que a mera antecipação do sucesso já é suficiente. É a expectativa que produz a esperança, não o êxito real em si. Páez, Javaloy, Wlodarczy, Espelt e Rimé (2013) afirmam que essa emoção emerge “quando se teme o pior, mas se confia em obter o melhor, ou o menos pior” (p. 22). A partir dessas afirmações, poderíamos afirmar que assim como a ira era o componente emocional do marco de injustiça, a esperança é o da eficácia.

O otimismo é outra das emoções estudadas. Kemper (1978, 1991) aludia ao otimismo e à esperança como emoções vinculadas à antecipação de uma melhora no status ou no poder do endogrupo. Culver, Carver e Scheier (2003) e Librán (2002) o associam com as expectativas de lograr resultados positivos. Nesse sentido, o otimismo também estaria vinculado ao marco de eficácia atribuído à ação.

Outra das emoções associadas à mobilização coletiva é o orgulho (Goodwin, Jasper & Polleta, 2000). Essa emoção pode ser considerada a partir de duas perspectivas. Por um lado, a teoria da identidade social (Tajfel & Turner, 1979) nos mostra que pessoas pertencentes a grupos discriminados ou maltratados e que se sentem altamente identificados com eles se mobilizarão para mudar esse estado de coisas. Porém essa mobilização será mais provável quando se ative uma identidade politizada (Simon & Klandermans, 2001) ou mobilizada (Sabucedo, Durán & Alzate, 2010). Isto é, quando as pessoas assumem que sua situação depende das relações de poder de seu grupo com certos exogrupos e que estas apenas podem ser mudadas através da ação política. A emoção associada a essa identidade

de é a do orgulho. Um orgulho que reivindica respeito para o grupo e exige seus direitos. Por outro lado, o orgulho também aparece associado à realização de ações que são socialmente muito valorizadas pela pessoa e seu entorno (Tangney, Stuewig & Mashek, 2007), como agir de acordo com as normas e valores do endogrupo. Assim, apontamos que essa emoção se associaria fundamentalmente ao marco de identidade da ação coletiva.

A partir do exposto sobre a esperança, o otimismo e o orgulho, parece claro que as emoções positivas também podem facilitar o protesto político. Essas três emoções poderiam relacionar-se com a necessidade de agir para melhorar a situação do endogrupo. Neste sentido, elas estão ligadas ao ato de participar em si. Por essa razão, a análise do protesto à luz das emoções não deveria se limitar à ira, mas também deveria integrar essas outras emoções.

Acima nos perguntávamos se a ira sozinha era capaz de ativar e manter uma ação coletiva. Agora temos uma possível resposta. A ira tem essa força mobilizadora atribuída por Gamson, mas sem dúvida necessita dessas outras emoções positivas que citamos. Elas podem orientar e canalizar de uma forma construtiva a raiva pela situação grupal. Isso supõe que as emoções negativas e positivas, apesar de suas valências distintas, não têm que ser necessariamente incompatíveis como acreditavam Wolpe (1958) e Fredrickson (2001). Ao contrário, no caso concreto da mobilização, a presença de ambos tipos de emoções é o que pode incrementar a intenção de participar.

Para atingir um maior conhecimento do papel que as emoções desempenham na ação política, o principal objetivo desse estudo é analisar a relação entre ira, emoções positivas e protesto. Para essa finalidade, levantamos duas questões específicas: a) A relação entre emoções positivas e ira deve ser positiva; e ambas variáveis terão um efeito significativo na intenção de participar em ações de protestos; b) De acordo com o comentado previamente, a ira deve manter uma relação direta com a intenção de participar e uma relação indireta através das emoções positivas.

A pesquisa de realizou entre janeiro e fevereiro de 2012. Nessa data o contexto social e político espanhol estava fortemente marcado pela crise econômica. Dentro da política de cortes do Governo foram colocadas várias medidas de ajustes na educação. Entre elas se incluía o aumento das taxas universitárias. Isso provocou uma importante mobilização por parte dos estudantes universitários.

Método

Participantes

A amostra desse estudo consta de trezentos e dezesseis estudantes de Psicologia da Universidade de Santiago de Compostela (N = 316), 85% são mulheres e 14,6% são homens, dado que é similar à porcentagem de homens e mulheres matriculados nesse curso acadêmico na Universidade. A média de idade foi de 21.26 anos, com um desvio padrão de 3.43 anos.

Procedimento

No horário letivo, antes de começar as aulas, comunicou-se aos estudantes que o departamento de psicologia social estava realizando uma pesquisa e que solicitava sua colaboração. Para tanto era necessário que respondesse a um questionário que contemplava as perguntas do presente estudo. As instruções dadas ressaltavam o caráter voluntário de participação e garantia o anonimato de suas respostas. Todas as pessoas, exceto duas, aceitaram participar da investigação. O tempo médio de resposta ao questionário foi de oito minutos.

Variáveis

As perguntas foram realizadas através da escala Likert com 7 alternativas de resposta, desde 1 (completamente em desacordo) até 7 (completamente de acordo).

Ira

Para medir a ira usamos os quatro itens da escala utilizada por van Zomeren et al. (2004). Os itens foram “me sinto bravo/irritado/furioso/desgostoso diante a possibilidade do aumento das matrículas” (Conbrach’s $\alpha = .87$).

Emoções positivas

Foram feitas 3 perguntas sobre as emoções positivas relacionadas ao ato de participar. “Participar em atos de protesto contra o aumento das matrículas me faria sentir orgulhoso/otimista/esperançoso” (Conbrach’s $\alpha = .85$).

Intenção de participar

A intenção de participar foi medida sob diferentes ações (Tausch et al., 2011; Sabucedo & Arce, 2001). Foi pedido à amostra de pessoas que indicassem a intenção de participar em 5 ações diferentes contrárias ao aumento das matrículas: assinar uma petição contra o aumento das matrículas, participar em assembleias ou grupos de discussão, apoiar os atos de protesto através das redes sociais, participar em manifestações ou concentrações e participar em paralisações estudantis (Conbrach’s $\alpha = .79$).

Resultados

Relação entre ira, emoções positivas e a intenção de participar

Primeiramente, apresentamos os descritores estatísticos e correlações entre essas variáveis (ver Tabela 1).

Tabela 1: Descritores estatísticos e correlações: ira, emoções positivas e intenção de participar

	M	DP	1	2
Ira	5.3	1.29		
Emoções positivas	4.53	1.32	.43**	
Intenção de participar	5.28	1.20	.44**	.67**

* $p < 0.05$, ** $p < 0.001$

Essa tabela nos mostra que os valores das médias das três variáveis são bastante altos, considerando que o valor máximo é 7. A variável com uma maior média é a ira (M = 5.30; DT = 1.29) e a média mais baixa é a das emoções positivas (M = 4.64; DT = 1.28). No que tange às correlações, destaca-se a positiva e alta correlação entre a ira e as emoções positivas ($r = .43$; $p < .001$). Isso expressa que emoções positivas e negativas não são incompatíveis e ambas se correlacionam de forma significativa com a intenção de protestar. Também são significativas as outras duas correlações: entre a ira e

a intenção de participar ($r = .44$; $p < .001$) e emoções positivas e intenção de participar ($r = .67$; $p < .001$), o que demonstra uma relação estreita e positiva entre essas duas variáveis. Devido à forte correlação entre essas duas variáveis, pode-se pensar que ambas são medidas do mesmo constructo. Com o objetivo de clarificar essa questão realizamos duas análises de regressões hierárquicas com as mesmas variáveis independentes. As variáveis utilizadas foram as três citadas nesse trabalho, e as variáveis de eficácia e identidade, que constavam no questionário, não foram usadas no presente estudo. Outras pesquisas (van Zomeren, Leach, & Spears, 2010; Stürmer & Simon, 2009) evidenciaram o impacto das últimas duas variáveis nas ações coletivas. Em um caso, a intenção de participar foi usada como variável dependente, enquanto no outro foram as emoções positivas. Se são, de fato, um único constructo, os preditores teriam que ser muito similares em ambas análises. Os resultados mostraram que esse não era o caso. Assim, concluímos que as duas variáveis não medem o mesmo constructo.

Para examinar o impacto que a ira e a emoção positiva têm na intenção de participar, realizamos uma análise da regressão, na qual seus resultados estão expressos na Tabela 2.

A análise da regressão demonstra que ambas variáveis têm um impacto significativo na proporção da variação explicada na intenção de participar. A inclusão das emoções positivas decresceu o B valor da ira. Por essa razão, realizamos uma análise mediacional com essas variáveis.

Tabela 2: Análise de regressão com a Ira e Emoções positivas relacionadas à intenção de participar

	Modelo 1	Modelo 2
	B	B
Ira	0.44**	0.19**
Emoções positivas		0.59**
F	76.82**	142.04**
DF	(1,211)	(2,310)
R ² ajustado	0.2	0.47

Nota: Variável dependente: intenção de participar, ** $p < 0.001$

Análise mediacional

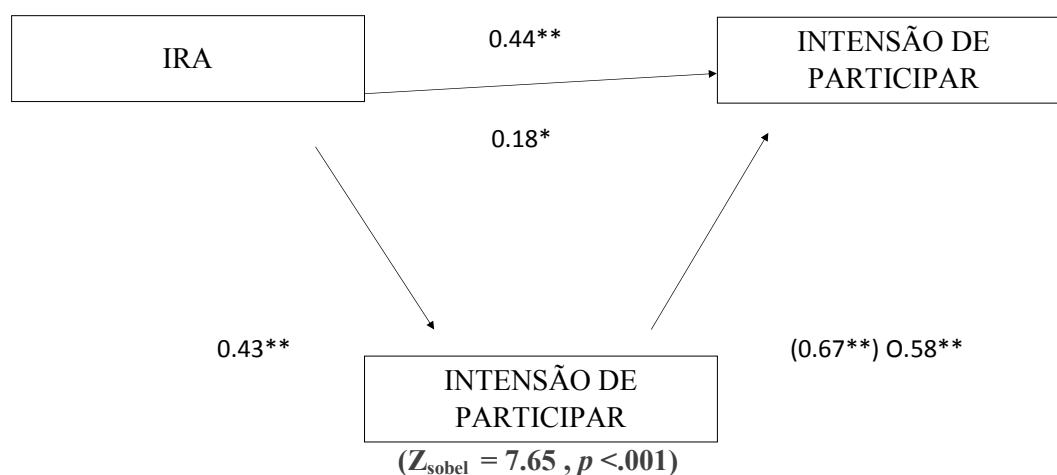
Realizou-se uma análise mediacional com a finalidade de conhecer a influência da ira e das emoções positivas sobre a intenção de participar em ações coletivas e o papel mediador de algumas dessas variáveis emocionais. Em primeiro lugar, considerando os resultados prévios, explorou-se um modelo no qual as emoções positivas mediassem entre a ira e a intenção de participar (Fig. 1), seguindo o procedimento de Baron & Kenny (1986).

O primeiro passo foi a realização de uma análise de regressão linear tomando como variável dependente a intenção de participar e como variável preditora a ira. O resultado da análise da regressão foi significativo ($R^2 = .19$, $F = 73.36$, $p = .000$), com uma beta significativo ($\beta = .44$; $p < .001$). Em seguida se analisou o efeito da ira sobre as emoções positivas, tomando como variável preditora a ira e como variável dependente as emoções. Os resultados mostram que a ira prediz significativamente as emoções positivas ($R^2 = .19$, $F = 73.15$, $p = .000$) com um beta significativo ($\beta = .43$; $p < .001$). Finalmente, examinou-se como a variável mediadora, as emoções positivas, afeta a intenção de parti-

participar, quando se controla a ira. Nesse caso as emoções positivas exerceram uma influência positiva e significativa sobre a intenção de participar ($\beta = .58$; $p < .001$), e o modelo se mostrou significativo ($R^2 = .52$, $F = 253.90$, $p = .000$). Ademais a ira seguiu sendo significativa ($\beta = .18$; $p < .001$), ainda que seu efeito sobre a intenção a participar diminuiu de $\beta = .44$ a $\beta = .19$. Mas como o zero não foi alcançado, há uma regressão de tipo parcial. O teste de Sobel (1982) confirmou o efeito significativo dessa mediação ($Z_{sobel} = 7.65$, $p < .001$). A análise de mediação nos informa que 58% da variância da relação entre a ira e a intenção de participar pode ser explicada pelas emoções positivas.

Posteriormente se realizou uma segunda análise de mediação. O objetivo dessa análise era descartar que o modelo alternativo, no qual a ira atuasse como variável mediadora, apresentasse uma melhor capacidade explicativa. Nesse modelo alternativo apenas 13% da variância entre as emoções positivas e a intenção de participar é explicado pela ira. De modo inverso, em análise anterior, 58% da variância da relação entre a ira e a intenção de participar é explicada pelas emoções positivas.

Figura 1: Modelo de mediação da ira, emoções positivas e a intenção de participar



**** p < .001**

Nota: o valor entre parênteses indica o β das relações anterior à introdução da variável mediadora.

Conclusões

Após terem sido colocadas à margem durante longo tempo, os estudos das ações coletivas voltaram a considerar o papel das emoções. Mas apesar desse reconhecimento, as emoções ainda ocupam um papel secundário em alguns dos principais modelos explicativos da ação política. Esse é o caso dos modelos de Stürmer & Simon (2009), van Stekelenburg *et al.* (2011) e van Zomeren *et al.* (2004). Todos esses três modelos incorporam a ira como a única emoção. Uma emoção que já estava incluída no modelo dos marcos de ação coletiva de Gamson (1992). Portanto, parece haver uma certa contradição entre a afirmação sobre a importância das emoções na ação coletiva e o fato de que os principais modelos explicativos aludam unicamente a uma. Se as emoções são realmente importantes, é necessário comprovar se além da anterior há outras, e de valências distintas, que estão incidindo na ação coletiva.

Nossa análise partiu da constatação de que assim como a ira se associa ao marco da injustiça da ação coletiva, a participação é ligada às emoções positivas. Isso permite que as emoções negativas e positivas atuem conjuntamente num único objetivo. A ira que os participantes expressam em uma ação coletiva não é o resultado da impotência. Ao contrário, a ira reflete a vivência de uma situação

injusta, mas que se percebe como modificável. Não há, portanto, resignação. Isso se reflete de forma clara em um dos cartazes que se mostraram durante as mobilizações dos “indignados” do 15-M em Madri: “Ontem bravo, hoje esperançoso”. Isto é, a ira os mobilizou, mas o sentir-se parte de um grupo mais amplo que compartilha os mesmos objetivos e a crença de que suas ações possam ser eficazes, ativou o orgulho de estar lutando por algo que se considera justo e a esperança da possibilidade de mudança.

Nossos resultados mostram que a ira, tal como se apresenta nos modelos teóricos clássicos e atuais sobre o protesto, desempenha um papel importante no protesto. Até aqui não há nada de novo. O interessante é a relação que mantém com as emoções positivas e a incidência dessas últimas sobre a intenção de participar. Tanto a ira como as emoções positivas têm uma incidência direta significativa sobre a intenção de participar, ainda que o peso das emoções positivas seja ainda maior que o da ira. Porém, mais importante que isto, é o fato de que a ira tem uma influência muito importante nas emoções positivas. Isto confirma nosso argumento prévio de que essas emoções não podem ser apreendidas de forma isolada. De acordo com nossos resultados, a ira alimenta as emoções positivas e ambas incidem conjuntamente nas intenções de protesto dos estudantes. A ira aparece inicialmente quando um grupo considera que está sendo tratado de forma injusta. E essa ira exige que essa situação seja reparada. Para tanto é necessário ativar emoções positivas que, como o orgulho e a esperança, facilitem a identificação grupal e animem a participação. Jasper (1998) afirmava que a paixão pela justiça é o que desencadeia a ira. Essa afirmação é correta, mas talvez incompleta. Se nos atemos a nossos resultados, teria que ser dito que a paixão pela justiça desencadeia a ira devido ao maltrato sofrido, mas também ativa o orgulho de lutar contra o mesmo, bem como a esperança de mudar uma situação adversa.

Os resultados acima demonstram de forma clara a significação das emoções positivas para a ação coletiva. Contudo esses dados também impulsionam a rediscutir algumas das questões clássicas na ação coletiva e sugerir outras possíveis. No primeiro caso se trataria de ampliar o conceito de instrumentalidade. A instrumentalidade esteve classicamente associada à análise dos custos e benefícios de participar em uma ação concreta, ou às expectativas de êxito da mesma. Porém se a esperança é uma das emoções que estimulam o protesto, possivelmente essa dimensão teria que ser entendida a partir de uma perspectiva temporal mais ampla, não apenas limitada a uma ação concreta e a alguns benefícios imediatos. Isto é, as pessoas podem participar em uma mobilização política ainda que acreditem que essa ação concreta em algum momento específico não seja eficaz ou rentável em termos de custos-benefícios. Mas essa participação seria igualmente instrumental, pois podem assumir que o possível fracasso e o custo de hoje suponha o primeiro passo para o êxito de amanhã. Neste sentido, os estudos de ação coletiva devem modificar o conceito da instrumentalidade incorporando uma perspectiva temporal a longo prazo.

No segundo caso, se trataria de incorporar outros motivos que podem estar relacionados com outra das emoções aqui analisadas, como é o orgulho. O orgulho pode ser derivado em fazer algo que alguém estima que é moralmente correto. Nesse caso não falaríamos de uma obrigação com o grupo, senão de uma obrigação moral. Essa obrigação moral levaria as pessoas a agir de acordo com seus princípios independentemente da posição que mantenha seu grupo e da eficácia de suas ações (Vilas & Sabucedo, 2012). Esta dimensão moral da ação humana parece especialmente significativa quando analisamos o protesto diante situações que se consideram injustas.

Portanto, pode-se deduzir que o estudo das emoções na ação coletiva não apenas permite reintroduzir um aspecto substancial da conduta humana relegado até agora, mas que também possibilita novas formas de compreender uma dinâmica que é chave para a mudança social. Nestes tempos de insegurança e crise, no sentido Gramsciano do termo, essa tarefa assume um interesse ainda maior.

Referências

- Bar-Tal, B., Halperin, E., & de Rivera, J. (2007). Collective emotions in conflict situations: Societal implications. *Journal of Social Issues*, 63(2), 441-460. <https://doi.org/10.1111/j.1540-4560.2007.00518.x>
- Baron, R. M., & Kenny, D. A. (1986). The moderator-mediator variable distinction in social psychological research: Conceptual, strategic, and statistical considerations. *Journal of Personality and Social Psychology*, 51(6), 1173-1182. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.51.6.1173>
- Culver, J. L.; Carver, C.S. & Scheier, M.F. (2003). Dispositional optimism as a moderator of the impact of health threats on coping and well-being. In Jacoby, R. & Keinan, G. (Orgs.), *Between stress and hope. From a disease-centered to a health-centered perspective* (pp.27-55). Connecticut: Praeger.
- Fredrickson, B. L. (2001). The role of positive emotions in positive psychology: The broaden-and-build theory of positive emotions. *American Psychologist*, 56(3), 218-226. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.56.3.218>
- Frijda, N. H. (1988). The laws of emotion. *American Psychologist*, 43(5), 349-358. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.43.5.349>
- Gamson, W. A. (1992). *Talking Politics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Goodwin, J., Jasper, M. J. & Polletta, F. (2000). The return of the repressed: The fall and rise of emotions in social movement theory. *Mobilization: An International Journal*, 5, 65-83.
- Izard, C. E. (1972). Basic emotions, relations among emotions, and emotion-cognition relations. *Psychological Review*, 99, 561-565. <https://doi.org/10.1037/0033-295X.99.3.561>
- Jarymowicz, M. & Bar-Tal, D. (2006). The dominance of fear over hope in the life of individuals and collectives. *European Journal of Social Psychology*, 36(3), 367-392. <https://doi.org/10.1002/ejsp.302>
- Jasper, J. M. (1998). The emotions of protest: Affective and reactive emotions in and around social movements. *Sociological Forum*, 13, 397-424. <https://doi.org/10.1023/A:1022175308081>
- Kemper, T. D. (1978). *A Social Interactional Theory of Emotion*. New York: Wiley.
- Kemper, T. D. (1991). Predicting emotions from social relations. *Social Psychology Quarterly*, 54(4), 330-342. <https://doi.org/10.2307/2786845>
- Klandermans, B. (1984). Mobilization and participation: social-psychological expansions of resource mobilization theory. *American Sociological Review*, 49(5), 583-600. <https://doi.org/10.2307/2095417>
- Lazarus, R. S. (1984). On the primacy of cognition. *American Psychologist*, 39(2), 124-129. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.39.2.124>
- Librán, E. C. (2002). Optimismo disposicional como predictor de estrategias de afrontamiento. *Psicothema*, 14(3), 544-550.
- Maitner, A. T., Mackie, D. M., & Smith, E. R. (2006). Evidence for the regulatory function of intergroup emotion: Implementing and impeding intergroup behavioral intentions. *Journal of Experimental Social Psychology*, 42(6), 720-726. <https://doi.org/10.1016/j.jesp.2005.08.001>
- Mackie, D. N.; Devos, T., & Smith, E. R. (2000). Intergroup Emotions: Explaining Offensive Action Tendencies in an Intergroup Context. *Journal of Personality and Social Psychology*, 79(4), 602-616. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.79.4.602>
- Marcus, G. E.; Neuman, W. R. & Mackuen, M. (2000). *Affective intelligence and political judgment*. Chicago and London: The University of Chicago Press.

- Marcus, G.E., McKuen M., Wolak, J. & Keele, L. (2006). The measure and mismeasure of emotion. In Redlawsk, D. P. (Org.), *Feeling Politics: Emotion in political information processing* (pp. 31-45). New York: Palgrave Macmillan. https://doi.org/10.1057/9781403983114_3
- Martín- Baró, I. (1998). *Psicología de la liberación*. Madrid: Trotta.
- Paez, D.; Javaloy, F.; Wlodarczyk, A; Espelt, E. & Rimé, B. (2013). El movimiento 15-M: sus acciones como rituales, compartir social, creencias, valores y emociones. *Revista de Psicología Social*, 28 (1), 19-33. <https://doi.org/10.1174/021347413804756078>
- Sabucedo, J.M. & Arce, C. (1991). Types of political participation: A multidimensional analysis. *European Journal of Political Research*, 20(1), 93-102. <https://doi.org/10.1111/j.1475-6765.1991.tb00257.x>
- Sabucedo, J.M.; Durán, M. & Alzate, M. (2010). Identidad colectiva movilizada. *Revista de psicología social*, 25(2), 189-202. <https://doi.org/10.1174/021347410791063822>
- Simon, B. & Klandermans, B. (2001). Politicized Collective Identity: A Social Psychological Analysis. *American Psychologist European Review of Social Psychology*, 56(4), 319-331. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.56.4.319>
- Smith, E. R. (1993). Social identity and social emotions: Toward new conceptualizations of prejudice. In Mackie, D. M. & Hamilton, D. L. (Orgs.), *Affect, cognition, and stereotyping: Interactive processes in group perception* (pp. 297-315). San Diego, CA: Academic Press. <https://doi.org/10.1016/B978-0-08-088579-7.50017-X>
- Sobel, M. E. (1982). Asymptotic confidence intervals for indirect effects in structural equation models. In Leinhardt, S. D. (Org.), *Sociological methodology* (pp. 290-312). Washington, DC: American Sociological Association. <https://doi.org/10.2307/270723>
- Stürmer, S. & Simon, B. (2009). Pathways to collective protest: Calculation, identification, or emotion? A critical analysis of the role of group-based in social movement participation. *Journal of Social Issues*, 65(4), 681-705. <https://doi.org/10.1111/j.1540-4560.2009.01620.x>
- Tajfel, H., & Turner, J. (1979). An integrative theory of Intergroup Conflict. In Austin, W. G. & Worchel, S. (Orgs.). *The Social Psychology of Intergroup Relations* (pp. 33-47). Monterrey, CA: Brooks Cole.
- Tangney, J.P.; Stuewig, J. & Mashek, D.J. (2007). Moral Emotions and Moral Behavior. *Annual Review of Psychology*, 58, 345-372. <https://doi.org/10.1146/annurev.psych.56.091103.070145>
- Tausch, N., Becker, J.C., Spears, R., Christ, O., Saab, R., Singh, P. & Siddiqui, R.N. (2011). Explaining radical group behaviour: Developing emotion and efficacy routes to normative and nonnormative collective action. *Journal of Personality and Social Psychology*, 101(1), 129-148. <https://doi.org/10.1037/a0022728>
- Taylor, V. (1995). Watching for vibes: Bringing emotions into the study of feminist organizations. In Ferree, M. M. & Martin, P. Y. (Orgs.), *Feminist organizations: Harvest of the new women's movement* (pp. 223-233). Philadelphia: Temple University Press.
- Turner, R. H. & Killian, L. M. (1987). *Collective behavior* (3rd ed.). Englewood Cliffs, NJ, US: Prentice-Hall, Inc, Englewood Cliffs, NJ.
- Van Stekelenburg, J., Klandermans, B., & van Dijk, W. (2011). Combining motivations and emotion: The motivational dynamics of protest participation. *Revista de Psicología Social*, 26(1), 91-104. <https://doi.org/10.1174/021347411794078426>
- Van Zomeren, M., Leach, C. W., & Spears, R. E. (2010). Does group efficacy increase group identi-

fication? Resolving their paradoxical relationship. *Journal of Experimental Social Psychology*, 46(6), 1055-1060. <https://doi.org/10.1016/j.jesp.2010.05.006>

Van Zomeren, M., Spears, R. E., & Fisher, A. H. (2004). Put your money where your mouth is! Explaining collective action tendencies through group-based anger and group efficacy. *Journal of Personality and Social Psychology*, 87(5), 649-664. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.87.5.649>

Vilas, X. & Sabucedo, J.M. (2012). Moral obligation: A forgotten dimension in the analysis of collective action. *Revista de Psicologia Social*, 27(3), 369-375. <https://doi.org/10.1174/021347412802845577>

Wolpe, J. (1958). *Psychotherapy by reciprocal inhibition*. Stanford: Stanford University Press.